

MARIA JOÃO ÂNGELO

*Mestranda em Arqueologia Regional. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.*

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.*

EPÍGRAFES VOTIVAS DA TORRE DOS NAMORADOS  
(QUINTAS DA TORRE, VALE PRAZERES, FUNDÃO)\*  
«Conimbriga» XLVII (2008) p. 175-183

**RESUMO:** Dá-se conhecimento de um ex-voto dedicado *Bande Luguano*, epíteto que pela primeira vez surge na epigrafia peninsular. A possibilidade de, pela etimologia, esse epíteto *Luguanus* se relacionar com nomes do Norte peninsular e da teonímia gálica sugere a hipótese de um movimento populacional migratório, atendendo inclusive ao facto de a Torre dos Namorados se situar numa zona de boas aptidões agrícolas e mineiras.  
O dedicante da ara parece identificar-se apenas pelo patronímico, *Amminus*, um antropónimo pré-romano.

**RÉSUMÉ:** Il s'agit d'un autel dédié *Bande Luguano*, divinité indigène dont l'épithète ici se documente par la première fois en Péninsule Ibérique. Para son étymologie, *Luguanus* pourra avoir une relation avec le Nord péninsulaire aussi bien qu'avec la Gaule ; cette possibilité peut signifier une immigration de gens de ces régions, puisque Torre dos Namorados se situe dans une zone assez riche en ressources agricoles et minières.  
Le dédicant de l'autel s'identifie, paraît-il, seulement par son patronymique, *Amminus*, un nom préromain.

---

\* Este estudo enquadra-se no projecto FERCAN (*Fontes Epigraphici Religionis Celticae Antiquae*), do CEAUCP.

## EPÍGRAFES VOTIVAS DA TORRE DOS NAMORADOS

(Quintas da Torre, Vale Prazeres, Fundão)  
(*Conventus Emeritensis*)

O presente artigo tem como objectivo apresentar as aras votivas recolhidas e referenciadas por Gustavo Marques em 1969<sup>1</sup>, aquando da sua passagem pela Torre dos Namorados (Fundão).

Lê-se nos registos pessoais do investigador:

«No dia 14 de Maio de 1969, recebi uma carta do Michel<sup>2</sup> onde me anunciava a descoberta, pelo Pe. Morão, dos vasos romanos de metal. (...) 24 de Maio fui até ao Fundão (...). Saí com o Pe. Morão, direitos a Fatela, Ponte da Meimôa (...). Próximo da nova fábrica derivámos por estradas de terra, para sul, atravessando ribeiros e pedregais. Chegámos a casa do Sr. José Teodósio Canarias, na quinta da Torre. Foi este Sr., que descobriu os vasos e os vendeu ao Pe. Morão. Fomos com ele visitar o local da escavação. Trata-se efectivamente dum poço quadrado de cantaria aparelhada (...). (...) Quando estávamos a examinar o local do poço soubemos dum trabalhador amigo do Sr. Teodósio, que num casal acima, para os lados do sítio ou Chão da Torre (...), havia pedras com letras. (...).

No casal atrás referido, encontramos o Sr. Manuel Canarias que me mostrou duas ámulas: uma muito perfeita anepígrafa (apagou a zona da inscrição porque afiava aí os machados), a outra fracturada parece ser dedicada ao deus Bandi...

---

<sup>1</sup> MARQUES, Gustavo (1969), «O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)», *Conimbriga* VIII p. 65-84.

<sup>2</sup> Gustavo Marques refere-se a Michel Giacometti.

Adquiri-as por 200\$00. Vieram dumas terras abaixo do casal onde há grandes pedras e imensas telhas e tijolos.»<sup>3</sup>

Posteriormente a esta visita, Gustavo Marques publica na revista *Conimbriga* o estudo do poço romano detectado na Torre dos Namorados, onde salienta a existência de duas ámulas, estando, na época, o estudo a cargo de Fernando Bandeira Ferreira<sup>4</sup>, que nunca chegou a ser concretizado. Não obstante, diversas diligências foram realizadas na tentativa de localizar os monumentos ou possíveis registos pessoais dos investigadores. Assim, iniciou-se a pesquisa nos possíveis locais de reservas onde poderiam estar arquivados os trabalhos empreendidos por ambos: o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), o Museu de Loures e junto dos familiares dos investigadores. Desta sorte, viemos a confirmar que a ara com inscrição se encontra na posse de seu filho, António Marques, desconhecendo-se, porém, o paradeiro da ara anepígrafa, da qual tivemos acesso somente a documentação fotográfica.<sup>5</sup>

## 1. Ara votiva a *BANDII LVGVANO*

Ara votiva de granito fino, trabalhada nas quatro faces, sem decoração lateral. O capitel apresenta ligeiros vestígios da existência de toros, suaves elevações nas extremidades laterais; no entanto, parece-nos que toda a área superior sofreu desgaste, não se logrando garantir, por isso, a (in)existência inicial de fóculo. Está separado do fuste por

---

<sup>3</sup> MARQUES, Gustavo (1969), “Estação Romana da Quinta da Torre dos Namorados (Fundão)” *Diário 7*, p. 1-2. Trata-se de apontamentos pessoais que fazem parte, actualmente, do arquivo de Gustavo Marques no Museu Nacional de Arqueologia. Através de informação oral de Manuel Lourenço (Torre dos Namorados) soubemos que Manuel Canarias habitou numa casa rústica localizada na Fonte Velha, onde há uma inscrição reaproveitada; desconhece-se a proveniência do contexto primário desta epígrafe, mas adivinha-se que, segundo a descrição, será bastante próximo da zona da Fonte Velha/Tapada da Torre, no centro do aglomerado romano.

<sup>4</sup> MARQUES (1969), p. 69, nota 1.

<sup>5</sup> Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a António Marques pela disponibilidade durante o estudo da ara, amabilidade, auxílio e cedência de documentação fotográfica privada de seu pai, Gustavo Marques; ao Dr. Luís Raposo, pela autorização de consulta e cedência de documentação do arquivo de Gustavo Marques e à Dr.<sup>a</sup> Ana Melo, por toda a atenção, aquando da análise do mesmo arquivo existente no Museu Nacional de Arqueologia; à Dr.<sup>a</sup> Cristina Oliveira, do Museu de Loures, pelas informações prestadas.

molduração de que podem identificar-se, de cima para baixo: ranhura, gola directa, ranhura, gola reversa e filete directo. O fuste está truncado, restando-nos apenas sensivelmente a sua metade superior, que ostenta uma inscrição sem delimitação de campo epigráfico.

Dimensões: (37,5) x 34,5/21,5 x 34.

Campo epigráfico: (19) x 21,5.

[...?] / AMMINI F(*ilius*) [?] / BANDII / LVGVANO / V(*otum*) S(*olvit*) [L(*ibens* A(*nimo*))] [?]

*A Banda Luguano, (...) o filho de Amino cumpriu o voto de boa vontade.*

Altura das letras: l. 1: (?); l. 2: 2,5 / 4; l. 3: 3,5 / 4; l. 4: 3,5 / 4; l. 5: (?). Espaços: 1: (?); 2: (?); 3: 2-1,6; 4: 1,9-5; 5: 2-1,5; 6: (?).

Variante: Leitura de Gustavo Marques (apontamentos pessoais):

LAGVANVS (?) / AMMINI F / BANDII / LVGVANO/ V S A L

Paginação aparentemente segundo um eixo de simetria (l. 2, 3 e 4), não se podendo verificar se é seguido na l. 1, onde estaria o nome do dedicante, e na l. 5, onde se notam vestígios da parte superior do V (?) e S (?). A aparente linearidade parece dever-se à falta de espaço para a gravação, tendo o lapicida recorrido à utilização de nexos. A l. 1 é-nos, actualmente, imperceptível. Na l. 2, no patronímico *Ammini*, recorre o lapicida, por falta de espaço, a nexos em AM e em NI, estando o I ligeiramente mais alto.<sup>6</sup> Na l. 3, nexos em VAN e uma ligeira diminuição do tamanho dos caracteres, também por nítida falta de espaço.<sup>7</sup> Na l. 4, res-

<sup>6</sup> Parece relevante referenciar a seguinte inscrição funerária: CAVDICVS • AMMINI F(*ilius*) / SIBI • ET • VXSORI • / CASINAE • CATVENI (*filiae*). Integra o núcleo epigráfico de Idanha-a-Velha: cf. FERREIRA (2004), n.º 236, est. XXV, 45; SÁ (2005), n.º 131, p. 80. Para além de revelar o antropónimo *Amminus*, os nexos aí utilizados pelo lapicida, semelhantes aos que ora encontramos, sugerem a possibilidade de estarmos perante a mesma oficina e/ou mesmo lapicida.

<sup>7</sup> Colocou-se-nos a hipótese de existir um P em nexos com o N, formando *LUGUANPO*; contudo, essa dúvida foi posta de parte através de uma observação mais atenta do monumento.



tam os vestígios superiores de V(*otum*) e S(*olvit*), desconhecendo-se os caracteres que se seguem: LA ou AL.

Em termos gerais, a gravação é linear, bem conseguida, e os caracteres capitais quadrados: M largo, B assimétrico, travessão dos AA quase imperceptível. G de perna vertical muito breve, E grafado com dois II.

O monumento revela, pois, um novo epíteto – *Lugvano* – da divindade indígena *Banda* – aqui grafada no dativo em -e, *Bande* – de cujo culto existem os mais variados testemunhos, mormente na zona ocidental da Hispânia.<sup>8</sup>

O estudo de Fernanda Repas sobre a religião na actual Beira Interior em época romana<sup>9</sup> dava conta, em 2001, da ocorrência aí de doze testemunhos do culto a esta divindade, sendo seis os epítetos diferenciados (em dativo): *Arbariaico* (Capinha, Fundão); *Brialeacui* (Orjaís, Covilhã); *Isibriaegui* (Bemposta); *Longobricu* (Longroiva, Meda); *Tatibiaicui* (Queiriz, Fornos de Algodres); *Vorteaceo* (Salgueiro); *BVS – Bandi Vortaeceo Sacrum* (?) (S. Vicente da Beira, Castelo Branco); *Vortaeacio* (Monte de S. Martinho, Castelo Branco).

Recorde-se que, actualmente, parecem ser consensuais entre a maior parte dos investigadores:

- a origem etimológica do teónimo: a raiz *Band-*, derivação do indoeuropeu *\*bhendh-* (“atar”, “ligar”), defendida por L. Michelena;
- as características tutelares da divindade;
- e a vasta amplitude geográfica do seu culto.

---

<sup>8</sup> É já abundante a bibliografia sobre esta divindade – e usamos o singular, porque parece ser já consentâneo entre os investigadores a ideia de que se trata de uma divindade única, que varia de epíteto de lugar para lugar ou consoante o grupo populacional de que é númen protector. Refira-se, pois, o trabalho mais recente de que temos conhecimento e onde há as referências a bibliografia anterior: Virgínia MUÑOZ, «La interpretatio romana del dios prerromano *Bandue*», *Veleia* 22 2005 145-152. Cf. ainda PRÓSPER (Blanca María) (2002), *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, p.257-281, que sugere para este númen a característica de «divindade da paisagem».

<sup>9</sup> REPAS, Fernanda (2001), *Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos (Subsídios para o seu Estudo)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Romana. Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (texto polycopiado). Mapa 1.

Esta ‘amplitude geográfica’ pode querer significar, de certo modo, uma convergência de laços entre diversos povos, tribos e/ou grupos gentílicos, apenas diferenciados pelos seus epítetos tópicos característicos do seu território ou espaço privado, inseridos, pois, numa divindade indígena global – *Banda*.

Etimologicamente, o epíteto *Lugvano* parece derivar de *Lug-*, *Lugus*, de raiz indo-europeia *L(E)UG(H)*-<sup>10</sup>, que também corresponde ao nome de um dos principais deuses celtas, *Lugus*.<sup>11</sup>

Uma análise generalizada no contexto das províncias do Império Romano, permite confirmar uma grande dispersão de derivações do étimo *Lug-* na antroponímia e na toponímia – em *Luguualium* (Carlisle, Grã-Bretanha) (AE 1988, 843) e em *Lugdunum* (Lyon), na *Gallia Lugdunensis* (AE 1914, 84) – e mesmo na teonímia: *Lugoves* (*Germania Superior, Aventicum*, Avenches)<sup>12</sup>; *Lugus* (?) (*Hispania Citerior*, Fuen-sabiñán, Torremocha del Campo, Guadalajara)<sup>13</sup>, *Lugunis* (*Hispania Citerior*, Atapuerca, Burgos)<sup>14</sup>.

No mapa apresentado, registam-se cartograficamente, com os dados de que dispomos, as menções directas de *Lug-* e *Luc*-<sup>15</sup> na *Hispania* nas suas diversas categorias – na teonímia, na toponímia, na etnonímia e na antroponímia. A distribuição geográfica verifica-se, maioritariamente, em três zonas distintas: na *Lusitania* e no Norte/Nordeste e Centro da *Hispania Citerior*.

No caso concreto da Torre dos Namorados, parece existir uma proximidade derivacional de três referências antroponímicas: *Lugua* (La

---

<sup>10</sup> MORALEJO, Juan (2006), “Documentación prelatina en Gallaecia”, *Lengua e Território*, (Eds. R. Álvarez, F. Dubert, X. Souza), Santiago de Compostela, p. 195.

<sup>11</sup> *Lug* surge como o principal deus na mitologia irlandesa, Cf. OLIVIERI, Filippo L. (2004), “A assimilação de Mercúrio/Lug na Gália Romana”, *Brathair* 4, p. 103, nota 2.

<sup>12</sup> CIL 13, 5078.

<sup>13</sup> SAGREDO; HERNÁNDEZ GUERRA (1996), “Los testimonios epigráficos de Lvg en Hispania”, *Memorias de Historia Antigua, XVII*, Instituto de Historia Antigua. Universidad de Oviedo, n.º 2, pp. 181, 191.

<sup>14</sup> *Idem*, n.º 5, pp. 182, 191; AE 1995, 881.

<sup>15</sup> Elaborado com base nas seguintes fontes:

SAGREDO L., HERNÁNDEZ GUERRA, L. (1996), pp. 179-199; <http://compute-in.ku-eichstaett.de:8888/pls/epigr/epigraphikk1>; <http://www.ubi-erat-lupa.austrogate.at/his-pep/public/index.php>; <http://www.uni-heidelberg.de/institute/sonst/adw/edh/index.html>.

Remolina, Léon), *Lugua* (Narros del Puerto, Ávila)<sup>16</sup> e *Luguadici* (Segóvia), mas também com o topónimo *Lugguno* (Herrera de Pisurga, Palencia).

Estamos, portanto, perante duas possibilidades: a formação do epíteto *Luguno* a partir de um antropónimo, sugerindo tratar-se da divindade protectora de um grupo familiar; ou a partir de um topónimo, correspondendo à divindade protectora do aglomerado populacional. Contudo, o facto de se apresentar como caso único de uma derivação directa de *Lug-* no centro do território da *Lusitania* poderá levantar uma outra questão: estaremos perante o testemunho da imigração de alguns elementos populacionais iniciais da Torre dos Namorados<sup>17</sup>, vindos do Norte/Nordeste ou da zona oriental da Península Ibérica?

Analisemos, ainda, o único antropónimo documentado na inscrição – e reforçamos a ideia de ‘único’, pois, como se disse, afigura-se-nos muito difícil que outro elemento identificativo do(s) dedicante(s) estivesse presente, por exemplo no capitel. Desta forma, se a nossa interpretação está correcta, estaríamos perante alguém que se identificava somente através do patronímico: o filho ou os filhos de Amino. Não será caso demasiadamente invulgar, mas sublinha, quiçá, o carácter familiar do culto, como se documenta noutras epígrafes, designadamente dedicadas ao deus *Endovellicus*, em que expressamente se indica que o voto é feito por indicação paterna ou em consequência de um voto dos antepassados directos<sup>18</sup>. E esta não é uma circunstância de some-nos, atendendo ao carácter tutelar da divindade.

---

<sup>16</sup> In *Epigraphik Daten Bank*: <http://compute.in.ku-eichstaett.de.8887/pls/epigr/epiergebris>.

<sup>17</sup> Referimo-nos, mais concretamente, à população indígena do povoado da Covilhã Velha e periferia que se localiza junto do aglomerado romano e medieval.

Sobre o povoado da Covilhã Velha Cf. VILAÇA, R; SANTOS, A.; PORFÍRIO, E; MARQUES, J.; CORREIA, M; CANAS, N. (2000), “O povoamento do I milénio a. C. na área do Concelho do Fundão. Pistas de aproximação ao seu conhecimento”, *Estudos Pré-Históricos*, Volume VIII, pp. 187-219.

SILVA, Ricardo (2005), *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*, Volume I, II, Coimbra (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiada), n.º 86, pp. 42-43.

<sup>18</sup> Cf. ENCARNAÇÃO, José (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Instituto de Arqueologia. Coimbra, p. 804-805.

*Amminus* é antropónimo pré-romano<sup>19</sup>, que se encontra também documentado em inscrições achadas em Belder (Gavião), Capinha (Fundão), Castelo Branco, Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova), Callejo e Vila Viçosa<sup>20</sup>. Parece, aliás, antropónimo de localização assaz circunscrita; pelo menos, por enquanto. Sendo assim, a hipótese anteriormente colocada quanto à vinda de gentes da área setentrional careceria de ulterior confirmação; no entanto, está a Torre dos Namorados inserida numa região reconhecida pelos seus recursos naturais e terrenos férteis com excelentes linhas de água, nomeadamente os rios Tejo, Erges, Pônsul, Aravil, Zêzere e seus afluentes, o que proporciona sempre boas condições para a prática agrícola, pastorícia e explorações mineiras, e oferece, por isso, condições favoráveis à implantação de populações oriundas de diversos pontos da Península, já atestada epigraficamente na região.<sup>21</sup>

No que concerne à datação do monumento, as características onomásticas, paleográficas, a fórmula final e as características 'clássicas' da moldura permitem apontar uma cronologia no seio da primeira metade do século I.

## II: Ara votiva anepígrafa

Ara votiva de granito de grão fino (?), trabalhada nas quatro faces; capitel e plinto separados do fuste por molduras. Campo epigráfico apagado, não se podendo verificar se existem vestígios de caracteres, visto se desconhecer o actual paradeiro do monumento.

A escala de Gustavo Marques: 0,50 cm.

---

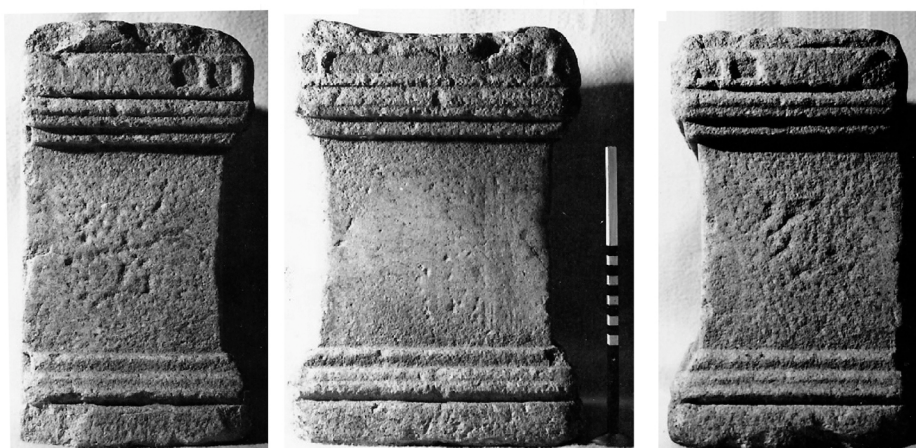
<sup>19</sup> Vide José María VALLEJO RUIZ (2005), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria, p. 132 et *passim*.

<sup>20</sup> Cf. NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.] (2003), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, mapa 20 (p. 85).

<sup>21</sup> Cf. FERREIRA (2004), pp. 29-31; SÁ (2005), pp. 149-150.



1. *Ara votiva a BANDII LVGVANO*



2. *Ara votiva anepígrafa*

